

**e-cadernos CES****30 | 2018****Museus e democracia cultural: diálogos e tensões**

---

## Para além da história: sobre a exposição “Objetos estranhos: ensaio de Proto-escultura”

**Maria Manuela Restivo**

---

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/eces/3986>

ISSN: 1647-0737

**Editora**

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

**Refêrencia eletrónica**

Maria Manuela Restivo, « Para além da história: sobre a exposição “Objetos estranhos: ensaio de Proto-escultura” », *e-cadernos CES* [Online], 30 | 2018, colocado online no dia 15 dezembro 2018, consultado a 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/eces/3986>

---



## **PARA ALÉM DA HISTÓRIA: SOBRE A EXPOSIÇÃO “OBJETOS ESTRANHOS: ENSAIO DE PROTO-ESCULTURA”**

Em 2012 abriu, na cidade de Guimarães, o Centro Internacional das Artes José de Guimarães (CIAJG), com o objetivo de fazer dialogar a coleção constituída pelas obras do artista José de Guimarães<sup>1</sup> – composta essencialmente por objetos provenientes de África, Ásia, México e Brasil – com obras de arte contemporânea. Desde essa data, o CIAJG não tem parado de apresentar propostas expositivas inovadoras, acompanhadas de um programa paralelo igualmente relevante, sedimentando-se como uma das mais pertinentes instituições museológicas portuguesas na atualidade. O presente texto debruça-se sobre uma das exposições aí ocorridas em 2017 – “Objetos estranhos: ensaios de Proto-escultura” – com o intuito de demonstrar como se operou nesta exposição uma forma singular de democratização no/do museu de arte.

Com curadoria de Fernando Marques Penteado e Nuno Faria, esta exposição constituiu-se como um ensaio sobre a ideia de escultura, fazendo coexistir no mesmo espaço objetos de origens e contextos muito distintos, que iam do património popular, arqueológico e religioso à arte *naïf* e contemporânea. Recorrendo à coleção do próprio CIAJG e a outros museus da região, a exposição apresentou ex-votos em cera, fragmentos arqueológicos, santos em madeira, pinturas do artista popular Mestre Caçola, arte africana, escultura contemporânea, entre outros objetos nem sempre identificáveis (pelo menos, num primeiro olhar).<sup>2</sup> De facto, deparámo-nos, como referia o título, com um conjunto de “objetos estranhos”, quer pela impossibilidade de reconhecimento de alguns (seriam feitos pela natureza ou pelo homem? Seriam objetos arqueológicos ou artísticos? Pertenceriam ao quotidiano ou fariam parte da instalação?), quer pela estranheza provocada pela sua justaposição, estranheza essa

---

<sup>1</sup> José de Guimarães (José Maria Fernandes Marques) é um artista português nascido em 1939. Conta com uma vasta obra de pintura e escultura, com representação em diversos museus portugueses e internacionais. Paralelamente, mantém uma importante atividade enquanto colecionador, com destaque para a arte tribal africana.

<sup>2</sup> Estão disponíveis legendas para quem quiser identificar ou saber a origem dos objetos.

que interpelava o visitante, a quem pareciam faltar as coordenadas interpretativas para aceder a este universo singular.

Esta exposição constituiu igualmente um lugar privilegiado para entender a proposta curatorial do CIAJG, que assenta numa “conceção da arte como espaço de experiência e de liberdade, não submissa à categorização da história, da forma ou do estilo”.<sup>3</sup> Recorrendo, entre outras referências, ao pensamento de Aby Warburg e Didi-Huberman,<sup>4</sup> o CIAJG propõe uma leitura não teleológica da história da arte, recusando a exploração de narrativas contínuas e lineares para preferir as ressonâncias (ou, no discurso de Warburg, as sobrevivências) entre objetos de diferentes espaços, temporalidades e categorias. Não se tratando de uma proposta inédita – lembre-se o debate em torno das exposições ‘ahistóricas’<sup>5</sup> – os diferentes objetos colocados em relação permitem, pela sua heterogeneidade, a emergência de sentidos particulares e sempre peculiares, que uma exposição baseada em estilos históricos tende a suprimir.

Atente-se ainda nos tipos de objetos que foram colocados em diálogo nesta exposição, e na predominância, entre estes, das “margens” da produção artística: a arte tribal, a arte *naïf* ou *outsider*, a arte popular, a própria inclusão de objetos do quotidiano. Ao contrário das convencionais exposições que incluem as “margens artísticas”, em que se procura aproximar o distante e/ou familiarizar o desconhecido, esta exposição operou uma inversão, onde, de facto, até os objetos familiares nos apareciam como estranhos. Em vez de um processo de familiarização, a exposição encenou o estranhamento, baseado, sublinhe-se, em relações não hierárquicas entre os diferentes objetos.<sup>6</sup> Percorrer esta exposição foi aceder a um território onde a classificação ainda não tinha lugar, e onde as hierarquias vigentes no “mundo exterior” – que informam as relações entre arte e não arte, entre a produção contemporânea e a popular, entre a arte e o objeto arqueológico – estavam ausentes. Paradoxalmente, é através da ausência de coordenadas<sup>7</sup> (que ligariam os objetos aos seus contextos) que se operou um movimento de democratização entre os diversos objetos e as diferentes formas artísticas, já que todos foram colocados numa relação horizontal. Trata-se, como é referido no título da primeira exposição do CIAJG, de operar num universo que está “para além da história”, que, ao contrário do que acontece na maior

<sup>3</sup> Citação retirada do *website* do CIAJG, disponível em <http://www.ciajg.pt/missao>.

<sup>4</sup> Didi-Huberman (1953-) tem-se ocupado em pensar as imagens não unicamente no seu aspeto estético-formal, mas de um ponto de vista antropológico. Recorre frequentemente ao trabalho de Aby Warburg (1866-1929), nomeadamente ao seu *Atlas Mnemosyne*, para reclamar um novo modelo para a história da arte, baseado na ideia de sobrevivências e ativações do passado no presente (Didi-Huberman, 2013).

<sup>5</sup> A este respeito, ver Meijers (2005).

<sup>6</sup> Ainda que o projeto curatorial do CIAJG esteja presente em diversas exposições, foi nesta que encontrei uma melhor concretização. A rigidez da montagem das coleções africana e pré-colombiana não permite a emergência da relação horizontal entre os objetos que aqui se elogia.

<sup>7</sup> A maior parte das exposições etnográficas tende, pelo contrário, a sublinhar a relação dos objetos com os seus contextos de origem.

parte dos museus, não assenta numa relação linear dos objetos com os seus referentes espaciotemporais. Inaugurou-se, assim, pelo menos em Portugal, uma nova relação entre o centro artístico – a arte ocidental erudita – e as suas periferias, nas quais as segundas não se subordinam às primeiras. Democratizar o museu de arte é questionar o lugar hierárquico de certas práticas artísticas sobre outras, abrindo-se espaço à emergência de novas relações e novos sentidos entre diferentes objetos e práticas artísticas. É isso que esta exposição alcançou exemplarmente.



**IMAGEM I – Vista da exposição “Objetos estranhos: ensaio de Proto-escultura”**

Fonte: © Paulo Pacheco; imagem gentilmente cedida por CIAJG (2017).



**IMAGEM II – Vista da exposição “Objetos estranhos: ensaio de Proto-escultura”**

Fonte: © Paulo Pacheco; imagem gentilmente cedida por CIAJG (2017).



**IMAGEM III – Vista da exposição “Objetos estranhos: ensaio de Proto-escultura”**

Fonte: © Paulo Pacheco; imagem gentilmente cedida por CIAJG (2017).

## **MARIA MANUELA RESTIVO**

Instituto de Sociologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal  
Contacto: mariamanuelarestivo@gmail.com

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Didi-Huberman, George (2013), *Atlas ou a Gaia Ciência Inquieta*. Lisboa: Kkym.
- Meijers, Debora (2005), “The Museum and the ‘Ahistorical’ Exhibition”, in Bruce W. Ferguson; Reesa Greenberg; Sandy Nairne (orgs.), *Thinking about Exhibitions*. London/New York: Routledge, 5-14.